

Almada Histórica na peça Frei Luis de Sousa, de Almeida Garrett

Almada, deriva do árabe al-maden (mina), testemunho da exploração de minas de ouro na região (jazigo urífero da Adiça). Desde o século VIII a.C. que existem vestígios da ocupação deste lugar. Foi conquistada por D. Afonso Henriques (1147). D. Sancho I doou-a à Ordem de Santiago (1186). Distinguiu-se na forma heróica como resistiu ao cerco dos castelhanos em 1384, só se rendendo quando a água acabou dentro das muralhas, onde a população se havia refugiado. No século XVI aqui viveu durante algum tempo Gil Vicente (escreveu o Auto da Índia, 1509), Fernão Mendes Pinto, Diogo Paiva de Andrade (sobrinho), Manuel de Sousa Coutinho (Frei Luis de Sousa). No final do século XIX acentua-se a tendência para o crescimento para sul, junto ao rio. Nas décadas de 50 a 80, ocorre um forte crescimento demográfico e económico, nomeadamente na Cova da Piedade, Cacilhas, Pragal, Laranjeiro e Feijó. A ligação a Lisboa, com a ponte sobre o Tejo (1966), reforça esta tendência, tornando Almada numa desordenada cidade-dormitório. Em 1973 foi elevada a cidade. No final da década de 90 do século XX, depois de décadas de destruição do património e descaracterização da cidade, fruto de medidas políticas populistas, a autarquia local passou a investir na recuperação de alguns edifícios e espaços públicos na zona histórica. A imagem global da urbe continua, todavia, a ser deprimente (2019), mas a vista de Lisboa e do estuário do Tejo é simplesmente soberba !



Abel Joseph Hugo, France militaire, Histoire des armées françaises de terre et de mer, de 1792 à 1837, Paris, Delloye, 1838, 5 vols.

Tópicos a desenvolver:

O processo criativo implica frequentemente uma apropriação de elementos reais que são depois transformados num quadro ficcional.

Almeida Garrett nesta obra toma como base personagens e uma paisagem real, para as recriar

numa história ficcional de exaltação patriótica. Almada era cenário ideal, dada a abundância de referências históricas sobre a perda e restauração da independência de Portugal, o “morto-vivo” que reaparece para lançar o terror entre os que o consideravam desaparecido.

O percurso que propomos pela zona histórica de Almada, muito degradada, pretende explorar a partir de situações reais o processo criativo desta obra impar na dramaturgia portuguesa.

Percurso



1. Percurso de barco de Lisboa para Almada (cacilhas)

Em Almada o percurso pedestre, começa a longo do cais do Ginjal até Olho de Boi.

Evocação das travessias do Tejo referidas no texto de Almeida Garrett

Elementos históricos no percurso: **Cais do Ginjal** (projecto de consolidação das arribas (1999), Elevador (1999/2000), **Jardim do Rio** (1999); **Fonte da Pipa** (const. João V, 1736. Abastecia os navios que cruzavam o Tejo). Neste local recordar o cerco de Almada pelos castelhanos em 1384, narrado por Fernão Lopes, na Crónica de D. João I.

Museu Naval, ruínas da Companhia Portuguesa de Pescas (fund.1920), **Quinta da Arealva** (ruínas e mirador).



Percurso pelo cais do Ginjal (em ruínas) até Olho de Boi. Subir a encosta.

2. Pátio do Prior do Crato

Era neste local que a corte se refugiava quando peste grassava em Lisboa. Aqui Gil Vicente, em 1509, escreveu e representou o Auto da Índia, perante a rainha D. Leonor.

O local está ligado às revoltas e à resistência ao domínio espanhol (1580- 1640). **D. António Prior do Crato**, pretendente ao trono de Portugal, herdou estas casas do seu pai, o infante D. Luis, donatário de Almada.

D. João de Portugal, personagem central da peça, foi casado com Madalena de Vilhena, cuja mãe tinha propriedades em Almada. Era filho dos **Condes de Vimioso, uma família que se distinguiu pelo apoio a D. António Prior do Crato**. D. Afonso, 2º. Conde e o seu filho D. Francisco combateram na batalha de Alcácer Kibir, tendo o primeiro morrido no cativeiro. D. Francisco foi libertado, colocando-se ao lado das forças de D. António Prior do Crato contra Filipe II de Espanha. Morreu em 1582 nos Açores num combate contra os espanhóis. O 4º. Conde morreu prisioneiro em Espanha, e os seus bens foram confiscados pela corte espanhola. Estes são os condes que na peça são evocados.

O Duque de Bragança, futuro rei de Portugal (D. João IV), em 1639, ter-se-á aqui reunido com os "conspiradores" de 1640. Evocação dos restauradores da Independência de Portugal, em 1640, em particular de D. Antão Vaz de Almada.

Evocar a lenda que D. Sebastião regressaria numa manhã de nevoeiro, montado num cavalo entrando pelo rio Tejo. A figura deste rei simboliza na peça o Portugal do passado, mas também uma referência para a jovem Maria de Noronha.

Almeida Garrett, como dissemos, dificilmente encontraria melhor cenário para situar historicamente a peça.



Pátio do Prior do Crato. O estado deste local histórico é paradigmático da forma como a Câmara de Almada tem tratado o património cultural no concelho.

3. Casa da Cerca

Este espaço fazia parte do Convento de S. Paulo, pelo que poderá funcionar como alternativa no caso de não ser possível visitar o convento e a capela da Piedade.

Terá este palácio servido de inspiração à localização, por Almeida Garrett, do Palácio de Manuel de Sousa Coutinho?

Acto Um: Palácio do século XVII, tendo "No fundo, duas grandes janelas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo, e donde se vê toda Lisboa;" Entre as janelas o retrato de Manuel Sousa Coutinho.

Almada é descrita como um bom retiro de "águas sadias, ares lavados e graciosa vista".

Seria “aqui” que os "traidores" ficariam, intenção que Manuel de Sousa Coutinho frustraria ao lançar fogo ao Palácio (1599).

A. Garrett também situa neste local ou muito perto do mesmo, o Palácio de D. João de Portugal. Acto Segundo: Na parte alta estão os retratos de D. João de Portugal, D. Sebastião e Camões. Acto Terceiro: “Parte baixa do Palácio de D. João de Portugal, comunicando, pela porta à esquerda do espectador, com a capela da Senhora da Piedade na igreja de S. Paulo dos Domínicos de Almada; é um casarão vasto sem ornato algum.”



Casa da Cerca

Elementos históricos no percurso: Casa da Cerca (construção-1761, Quartel das tropas francesas -1807, Centro de Arte Contemporânea de Almada -1993), Jardim Chão das Artes (1993).

3.1. Convento Dominicano de S. Paulo / Capela de N^a. Sr^a. da Piedade / Seminário de Almada

O convento foi fundado em 1562 por Frei Francisco Foreiro, que aqui se havia refugiado da peste que grassava em Lisboa. Neste convento existia a Capela de N^a. Sr^a. da Piedade.

Manuel de Sousa Coutinho (1555 — 1632) casado em 1583 com Madalena de Vilhena separaram-se, após a aparição do “Morto-Vivo” (D. João de Portugal, dado como morto na Batalha de Alcácer-Kibir (4/08/1578).

O primeiro ingressa como frei Luis de Sousa (1613 — 1632) no Convento de S. Domingos em Lisboa, onde foi sepultado, tendo-se tornando num cronista dos dominicanos.

Madalena de Vilhena ingressa no Convento do Sacramento, como Sórora Madalena das Chagas. A explicação que A. Garrett dá para a separação do casal, segue a Crónica dos Dominicanos, mas está longe de ser consensual.

Almeida Garrett para conferir maior carga dramática e simbólica à separação, encurta o tempo real entre 1599 (incêndio do palácio) e 1613 (separação do casal) a breves momentos. A entrada no convento é em Almada e não em S. Domingos de Benfica. Maria, a filha de ambos, morre no momento em que os pais professam.

Percurso: da Casa da Cerca, siga pela Rua Leonel Ferreira e Rua Conde Ferreira.

Elementos históricos no percurso: Quarteirão das Artes (antigos barracões municipais), Cemitério de Almada



Convento de S. Paulo

4. Paços do Concelho de Almada

Onde se situaria o Palácio Manuel de Sousa Coutinho? Segundo Garrett estaria situado a "quatro passadas" do Convento dos Dominicanos, da varandas da qual se via o rio Tejo.

A sua provável localização, com base em documentação encontrada por Sousa Viterbo, era na Rua Direita, atual Rua Capitão Leitão, junto aos atuais Paços do Concelho de Almada.



Paços do Concelho de Almada, nas traseiras do mesmo ergue-se o edifício e a capela da Misericórdia de Almada

Percurso: Rua Conde Ferreira até à Rua Capitão Leitão.

Elementos históricos no percurso: Centro Interpretativo de Almada Velha (antiga Capela do Espírito Santo, séc. XIV), Museu da Música Filarmónica, Museu Medieval (26 silos, séc. XVII, de um rico comerciante, Trabalhos arqueológicos -1990-93).

4.1. Santa Casa da Misericórdia de Almada

Manuel de Sousa Coutinho foi provedor desta casa por três vezes entre 1590 e 1597. Foi Guarda-mor da Saúde, para além de capitão-mor de Almada (1600).

Elementos históricos no percurso: Igreja da Misericórdia (1566).

5. Igreja de Santiago - Castelo de Almada

D. João de Portugal teria em Almada algumas casas, cuja localização se desconhece. Sugere-se uma paragem junto a Igreja de Santiago dos cavaleiros espadatários, cuja ordem surgiu para proteger os peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela. Este é o local que mais se ajusta para falar de vocação cruzadista de duas personagens:

Manuel de Sousa Coutinho pertenceu ou desejou pertencer à Ordem dos Cavaleiros de Malta (1576), que tinham por missão proteger os peregrinos pobres e doentes que se dirigiam à Terra Santa. Em 1577, na Sardenha foi feito prisioneiro, tendo sido levado para Argel onde conheceu Cervantes. Em 1592 equipou uma expedição da Tanger.

D. João de Portugal participou com D. Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir onde desapareceu (1578). Almeida Garrett descreve-o como um honrado fidalgo e valente cavaleiro



Elementos históricos no percurso: A Igreja de Santiago, remonta ao início do século XIII. Foi reconstruída em 1724, e depois do terramoto de 1755, por António Francisco Bragança, irmão de D. João V.

6. Regresso

Depois do deslumbramento do que se avista junto ao Castelo de Almada, descer a encosta até Cacilhas: Alameda do Castelo, Travessa do Castelo, Rua Elias Garcia e Rua Cândido dos Reis;

Onde se situava a casa onde se refugiou Manuel de Sousa Coutinho depois de ter largado fogo ao seu palácio? A paisagem é tão ampla que não é difícil imaginar múltiplas localizações possíveis.

Elementos históricos no percurso: O **castelo de Almada**, que pertenceu à Ordem de Santiago, está ocupado pela GNR e encontra-se tristemente rodeado de barracas e ruínas. A vista a partir do exterior é deslumbrante. Faziam parte dos domínios da Ordem de Santiago, povoações estratégicas como Almada, Barreiro, Alcochete, Seixal, Moita, Montijo, Alhos Vedros, Coima, Sesimbra, Setúbal, Palmela, Alcácer do Sal, Montemor-o-Novo, Santiago do Cacém, Sines, Mértola, etc.

Quinta do Almaraz- Em 1987 foram descobertas as ruínas de uma importante povoação fenícia.

Carlos Fontes (www.filorbis.pt)